

ENTREVISTA

'A economia vai fechar o ano no zero a zero'

Caio Guatelli/AE

Haberfeld, presidente da Câmara Americana, conta com um Natal razoável e um bom 2004

MARCELO REHDER

Ao contrário de boa parte dos analistas, o presidente da Câmara Americana de Comércio para o Brasil (Amcham-SP), Sérgio Haberkfeld, acredita que o Natal deste ano será melhor do que o de 2002, devido ao clima positivo que cerca a economia e estimula o cliente potencial a gastar. Mas, para a economia como um todo, Haberkfeld, presidente do Conselho de Administração da Dixie-Toga, maior fabricante de embalagens flexíveis da América Latina, e presidente da Associação Brasileira de Embalagens Flexíveis (Abief), diz que não haverá crescimento. "Vamos fechar no zero a zero. O PIB não vai crescer nada", prevê. No entanto, ele tem certeza de que em 2004 as coisas irão melhorar.

"Vamos ter o início da retomada da economia, com aumento de produção e consumo", afirma. A seguir, os principais trechos da entrevista:

Estado – Nos últimos meses, o comércio aumentou o volume de encomendas às indústrias, na expectativa de um bom Natal. No entanto, até agora as vendas no varejo ainda não deslancharam. Por que a retomada está demorando tanto para acontecer?

Sérgio Haberkfeld – Tenho

uma teoria bastante clara: quando se tomam medidas para desacelerar a economia, demora algum tempo para produzir o efeito desejado; já para voltar a acelerar a produção e o consumo demora um pouco mais. Os juros começaram a baixar realmente a partir de setembro. Além disso, ainda não houve aumento no emprego, embora agora se tenha alguma recuperação de salários por causa dos acordos coletivos. Esses reajustes, que variam de 15% a 20%, terão impacto positivo no consumo, que deve crescer mais acentuadamente dentro das próximas duas semanas.

Estado – O governo seguiu demais os juros?

Haberkfeld – Quando se tem um doente passando mal, é difícil julgar se o médico deu remédio demais. É preciso esperar um pouco mais para se ter uma avaliação melhor, já que ainda temos a famosa memória inflacionária. Se o governo não tomasse medidas dra-

Se o governo não tomasse medidas dramáticas, a inflação teria voltado

máticas, a inflação teria voltado e nós teríamos perdido todo o efeito do Plano Real. Portanto, eu acho que o governo agiu na maior boa-fé para ter certeza de que a recuperação será sólida.

Estado – Dá para esperar um Natal melhor que o do ano passado?

Haberkfeld – Eu acredito que vai ser melhor, sem dúvida nenhuma. Vamos ter um Natal mais razoável. Agora, o ano nós vamos fechar no zero a zero. O PIB (Produto In-



Haberkfeld: 'Depois de tantos trancos e solavancos, o consumidor brasileiro está mais calejado'

terno Bruto) vai crescer nada, e a produção industrial vai cair.

Estado – Por que o senhor está tão confiante em relação ao Natal?

Haberkfeld – Está entrando mais dinheiro no mercado e os financiamentos estão mais baratos. Além disso, o ambiente positivo faz o consumidor se sentir mais confiante em gastar. Não é possível que

não melhore.

Estado – O que é possível fazer para acelerar esse processo?

Haberkfeld – A esta altura, não há muito mais o que fazer, a não ser partir para promoções e baixar preços.

Estado – O consumidor tem motivos para estar reticente?

Haberkfeld – Como estamos vindo de uma época de vacas

muito magras, em que todo mundo se endividou, a primeira coisa que o consumidor faz com o dinheiro da primeira parcela do 13.º salário é pagar a dívidas e se equilibrar financeiramente. Só depois é que ele vai começar a gastar de novo. Depois de tantos trancos e solavancos, o consumidor brasileiro está mais calejado.

Estado – Se a expectativa de

um bom Natal for confirmada, o que se pode esperar para os primeiros meses de 2004?

Haberkfeld – Vamos ter o início da retomada da economia, com aumento de produção e consumo num período tradicionalmente marcado pela estagnação. Estou otimista. Mas espero que o crescimento seja gradual, ao longo do ano. Acho que o PIB cresce 4% em 2004. Minha dúvida é o que pode acontecer com os preços e a pressão inflacionária no momento que as coisas começarem realmente a melhorar.

Estado – Qual o motivo para o receio?

Haberkfeld – Não dispomos ainda de um controle muito efetivo naquilo que diz respeito a preços. Existem ainda monopólios e oligopólios com poder para determinar os preços do mercado. Hoje, o único instrumento de que dispomos para manter os preços baixos é a importação. Enquanto o dólar se mantém por volta de R\$ 2,90 a R\$ 3, as empresas podem importar produtos cujos preços apresentem alta exagerada. Mas se o dólar sobe, as importações ficam mais caras e os preços internos também sobem, e começamos a ter pressões inflacionárias novamente.

Estado – Nesse cenário, o que se poderia fazer para contornar o problema?

Haberkfeld – O governo teria de esfriar a economia para evitar a volta da inflação. O drama é que as reformas necessárias para que o Estado gaste menos ainda não foram feitas. Por isso, temos de financiar o déficit interno pagando impostos. Enquanto os impostos continuam altos, parte do dinheiro que deveria ir para a produção e o consumo vai para os cofres do governo.